

As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil

Adelaide Gonçalves

(Universidade Federal do Ceará, Brasil)

Citação: Adelaide Gonçalves, "As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil", *E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2 (2004). ISSN 1645-958X

<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>

Coordinemos nuestras ideas, establezcamos cada cual para sí. Mi Utopía, busquemos, los que son capaces, los medios eficaces para expresar esas concepciones altamente – eso será ya algo – Un día, de aquí, de allí, surgirá de nuevo alguien que os escribirá una bella utopía, que sepa encontrar ese missing link, el lazo que falta, entre el porvenir y el presente, entre nuestro sueño y nuestras personas presentes, encontrará una vía y se dará un paso hacia adelante en el país sin límites de la utopía libre.

Max Nettlau

I – O Brasil do Século XIX

O Brasil inicia o século XIX preso ainda às amarras coloniais, uma sociedade rural e escravocrata onde são raras as cidades dignas desse nome e onde uma diminuta classe média letrada, vive acomodada em sua existência pacata. As notícias da agitação na Europa deveriam parecer boatos remotos aos poucos interessados na vida do Velho Continente. Apesar disso, as mudanças aproximavam-se, as cortes portuguesas estavam prestes a fugir para o Rio de Janeiro, aonde chegariam em 1808, escapando dos exércitos de Napoleão e do vendaval liberal. O século terminaria com um país independente que havia, finalmente, abolido a escravatura e onde as idéias liberais da Revolução Francesa e as teorias socialistas, nascidas na Europa, chegavam nos porões dos navios, através dos livros e outras publicações ou na cabeça de imigrantes que, mais que a riqueza, procuravam semear a utopia.

Nas primeiras décadas do século XIX, no Nordeste do Brasil, a experiência cosmopolita era diminuta e o ambiente intelectual estava marcado por uma pobreza provinciana. A desigual e descontínua circulação de idéias, alargada, pouco a pouco, a partir de 1808, encontra eco junto a um público reduzido e díspar: comerciantes das casas importadoras, estudantes de liceus, preparatorianos e dos cursos jurídicos, professores, empregados da função pública, militares, livreiros, tipógrafos, literatos, livre-pensadores, membros de irmandades secretas, padres, entre outros.

Dito de outro modo, até onde e de que modo o Iluminismo, via Ilustração Européia, alcança e se desenvolve na América Portuguesa ?

Lentamente, com variantes, mas “é o fermento iluminista que aduba 1817, 1824 e se prolonga por quase todo século XIX no Recife”, como registra Gláucio Veiga, para quem “aqueles nascidos em Pernambuco e no Nordeste, nos últimos decênios do século XVIII, climatizados no pombalismo e modelados pelos oratoreanos [...] sentiram que não se tratava apenas de uma revisão, antes uma ‘revolução mental’, prenunciadora de algo misterioso, porém, renovador”. No dizer da época: era uma “premunição” de que “o Mundo está dobrando uma esquina” (Veiga 1981: 87).

Aqui é pertinente recorrer à cautela metodológica sugerida por Wilson Martins para o estudo deste período: “chamado com enorme latitude terminológica de Iluminismo Brasileiro [...foi] um período contraditoriamente caracterizado pela repressão contra as idéias ilustradas” (Martins 1978: 454). Dos padres, da Congregação do Oratório, diga-se do seu papel destacado na democratização do ensino. Sua biblioteca no Recife de 1826 é a melhor da época, ultrapassando os quatro mil volumes. Quanto aos professores régios, desde a secularização do ensino, impulsionaram o sentimento liberal e difundiram as idéias filosóficas combinadas à política, aquilo que Veiga acertadamente anota como “o desbordamento da ação prática, tecnológica e científica para a problemática política”. Isso se dá em 1817 e na vaga revolucionária que se segue, agitada sob o influxo da Revolução Francesa: 1824, 1834, 1848. Como assinala Joaquim Nabuco: “todas as nossas revoluções foram, dir-se-ia, ondulações começadas em Paris”, ou ainda, referindo-se a Pernambuco, “a política complicava-se com um fermento socialista”.^[2] Como também assinalaria Amaro Quintas sobre a Revolução Praieira, de Novembro de 1848: “a influência das idéias revolucionárias francesas no movimento da Praia, da interferência do espírito quarante-huitarde na preparação e no desenvolvimento da nossa revolta de 48”.

Não obstante as dificuldades próprias impostas pelo projeto colonizador quanto à circulação de idéias, à formação de uma opinião pública, liberdade de expressão e condições de funcionamento livre e regular da imprensa, os motins, os movimentos de contestação, de protesto e de revolta, os grupos sediciosos são demonstrações do inconformismo, expressam elementos de coesão, vão conformando um arcabouço ideológico de novo tipo e constroem um novo léxico político. Nalguns casos são simples

levantes, puras contestações; noutros, caminham para além do protesto. É o caso de 1817, em Pernambuco. Recife passa a ser vista como o palco “da desordem e insubordinação de indivíduos turbulentos”, no dizer do reacionário Visconde Cairu, para quem fixar um curso jurídico em Pernambuco é desatino: “seria perigoso estabelecer aí Universidade, no risco de corromperem os jovens no foco do jacobinismo”. O referido curso é instalado em 1828, em Olinda.

Antônio Pedro de Figueiredo, em sua tentativa de sistematização, na revista O Progresso, das idéias que chegam da Europa, realiza um esforço de observação e análise das realidades específicas de seu tempo e espaço, sem que as idéias difundidas sejam mero exercício de transplante cultural ou mimetismo do pensamento em voga nos círculos mais progressistas da Europa, em particular da França. Em suas seções “Exterior” e “Páginas Informativas”, trata do avanço tecnológico e das ciências naturais como condição essencial de progresso, como bem anota Gláucio Veiga: “não descurou nem alheou uma autoconsciência”. Para Veiga, Figueiredo bem pode ser justamente apreciado como exemplo de “letrado à força do método”. Diferença fundamental em Figueiredo, pois que a vigência no Brasil do século XIX é ser “letrado a força do estudo”, daí a ausência de “ortodoxias ideológicas”, o ecletismo, derivados da aquisição de conhecimentos por acumulação de autores e teorias europeias, sem sentido crítico e como “esforço de colagem de instituições europeias no Brasil” (Veiga 1981: 18-25).

Tal anotação de Veiga é tomada da “sugestão metodológica” afirmada em Euclides da Cunha em relação ao exame das idéias no Brasil do século XIX: em que medida se dá uma tradução das realidades nacionais ou em que medida se dá tão somente uma “atualização” cujo parâmetro são as realidades europeias?

Para Alfredo de Carvalho, um dos primeiros a tratar do pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo, este tinha “mentalidade vigorosa e singularmente culta [e] traduzia pouco antes dos vinte anos o Curso de Filosofia de Victor Cousin” (Carvalho 1908: 433). Isto referido há um tempo, descrito pelos espíritos argutos, em que era acentuada a distância do pensamento europeu de vanguarda. Senão vejamos a impressão de Lopes da Gama: “cada século tem uma doutrina dominante, a qual comunica a sua influência a uma parte das opiniões e das ações dos homens. O nosso Brasil desgraçadamente caminha um século atrasado da civilização europeia; e pode-se dizer que ainda se acha no século XVIII”. Ou ainda: “Nós somos nesta parte ainda os Franceses do século passado...”. [3]

II - O Recife e as Idéias Reformadoras

Já em 1802, um manuscrito da lavra do Bispo Azeredo Coutinho, oficiando à Câmara de Igarassu, é pleno de evidências quanto ao conhecimento das idéias de Rousseau em Pernambuco. Em 1829, o Diário de Pernambuco divulga acusação de um aluno contra Moura Magalhães nestes termos: “Entusiasta da demagogia, que não senão em Rousseau, Helvecio, La Mettrie, e nos direitos inalienáveis do homem, na regeneração do gênero humano, na injustiça da escravidão, nos horrores do despotismo, na fogueira do Santo Ofício, na inutilidade dos padres, na tirania dos reis [...]”. Em 1831, O Olindense informa “os publicistas que andam nas mãos de todos”: Montesquieu, Bentham, Benjamin Constant, Rousseau. As teses de Bentham parecem ter sido bem acolhidas em Recife; seja pelos anúncios de livros quanto pelos extratos publicados em jornais e polêmicas suscitadas. O pensamento de Pascal também alcança um círculo de leitores, através dos enciclopedistas franceses.

Em 1830, a loja Ponchet anuncia Pascal e outros autores. Ainda que não indique as obras, a loja relaciona Voltaire, Rousseau, Racine, Corneille, Volney, Pudendorff, d’Aguesseau, Mably, Fenelon, Molière e Montesquieu: “são os melhores autores e chegados ultimamente da França oferecem a vantagem de serem das mais recentes e melhores edições”. [4] Em 1836, anuncia “boa quantidade de livros de literatura francesa, sendo o Cours de Littérature, de La Harpe, o mais vendido; como ainda obras de economia: Smith, Ricardo, Mill, Sismondi, Say, Malthus e a “Revue Mensuelle d’Economie Politique”(onde colaboram Rossi, Blanqui, Sismondi, Walras, entre vários).

Abra-se aqui um parêntese para dizer das dificuldades de acesso aos livros, dado ao rigorismo da censura. O viajante Henry Koster, em clássico relato, registra com pasmo em 1810 a inexistência em Recife de tipografia ou livraria e testemunha o rigoroso controle exercido sobre a entrada de livros no Brasil: ele próprio alvo desse rigor, ao enfrentar na aduana o confisco de todos os seus livros, só obtendo liberação já no navio, de volta à Europa. Espanto e desalento também saltam do relato de Antônio Morais e Silva: “Não sei eu, porque maus fados não há nesta terra nenhum alfarrabista de cartilhas e livrinhos de Santa Bárbara; nem ao menos um pouco de espírito comunicativo de cousas boas e de novos frutos que honrem o nome brasileiro” (*apud* Veiga 1981: 180). Se as “cousas boas” e os “novos frutos” são de difícil acesso, diga-se que é livre o curso e fácil o acesso à literatura de teor anti-iluminista e anti-revolucionário: Bonald, de Maistre, Chateaubriand e Malthus, que em sua primeira edição anônima é de combate a Condorcet e Godwin: *An Essay on the Principles of Population, as it affects the future improvement of society; with remarks on the Speculations of Mr. Godwin, M. Condorcet and other writers.* (1798).

O contrabando é a forma de circulação de livros e autores indexados. Relatos de viajantes e autos da Devassa são testemunhos da circulação das “leituras proibidas”. Em depoimento contra Bernardo Luiz Ferreira Portugal, uma testemunha declara que “o reverendo dissera que há seis anos botava livros abaixo para fazer a revolução”. A frase, insistimos nela, “Botar livros abaixo” revela a força da palavra impressa e sua tradução das realidades locais, fundando novas sociabilidades. O que não significa dizer que a presença de livros e de bibliotecas “revolucionárias” constitua garantia de radicalização nas práticas políticas. Neste tocante, recomenda Gláucio Veiga particular cautela quanto às conclusões a que se possa chegar em consulta às listas de obras e autores presentes nas prateleiras das bibliotecas públicas ou conventuais; não há garantia quanto à consulta sistemática e as evidências apontam para a difusão das práticas de leitura por dentro de um círculo restrito. Do referido autor é a informação de que “a ‘experiência textual’ com os pensadores e filósofos é precária” e os escritos filosóficos chegam através da obra de Bruecker, e no meado do século XIX é o labor de A. Pedro de Figueiredo, divulgando Victor Cousin, que amplia essa “experiência textual”.

Ainda que se aceite como precária a “experiência textual”, não se pode desconsiderar a difusão das idéias iniciadas já no século XVIII. Em Kátia Queiroz Matoso, no estudo “Presença Francesa no Movimento Democrático Bahiano de 1798” (sobre a conspiração dos Alfaiates), encontramos o levantamento das bibliotecas de Cipriano José Barata e Hermógenes Francisco de Aguiar Pantoja, com Voltaire, Genovesi e Rousseau, entre vários.

Estudos sobre a presença de livros iluministas nas Minas Gerais dos Inconfidentes do final do século XVIII destacam como tendo sido a biblioteca mais revolucionária a do heterodoxo Cônego Luís Vieira da Silva: Voltaire, Diderot, d’Alembert, Marmontel, Luís Antônio Verney, Mably, Antônio Genovesi (e com ele, Bacon, Descartes e Locke). Mesmo que estudos sobre os inconfidentes de Minas localizem uma “insuficiência teórica” informando os líderes do movimento, destacamos aqui a circulação das idéias e seu desbordamento para o campo político.^[5] Neste sentido, é precisa a afirmação de Antônio Cândido quanto ao século XVIII (“a nossa breve Época das Luzes”): sinal de emergência de uma consciência antagônica à “mentalidade jesuítica e legista das elites anteriores, preparando-se para uma concepção mais ousada do papel da inteligência na vida social e das relações entre Metrôpole e Colônia” (Cândido 1964: 245).

De Luiz Antônio Verney, o “Diário de Pernambuco” de 07/10/1829 anuncia um volume da sua Lógica (através da qual se conhece Locke), na “Loja de livros defronte do Palácio”. Sua *Philosophia Rationalis* consta da lista de doações à Faculdade de Direito em 1831, publicada pelo citado jornal. A Lógica, de Genovesi, é o compêndio mais usado, divulgando Bacon, Leibnitz e Locke. Naquele ano é encetado um movimento para angariar doações de livros à referida Faculdade.

João Ribeiro, chamado de padre revolucionário, não apenas teria lido o filósofo Condorcet, como ainda “voltado olhos” ao jornalista em plena revolução em seu jornal *Chronique de Paris*. O viajante francês Tollenare indica ter conhecido o padre João Ribeiro, dizendo possuir “uma imaginação que andava mais depressa do que o seu século e, sobretudo adiantava-se muito à índole de seus compatriotas”, então “arrastado pela leitura de Condorcet”. Leituras por certo contrabandeadas, uma vez que o controle das tipografias e o rigor exercido pela Mesa Censória em Portugal (um substituto de Pombal à censura jesuítica) e pela Inquisição em Espanha impediam a circulação da palavra impressa. Ilustrativo do controle exercido pela Mesa Censória é um edital de 1770, “condenando à pena de fogo mais de 120 livros, geralmente em língua francesa, mas também em inglês e latim, entre eles obras de Hobbes, Rousseau, Spinoza, Voltaire”, referido por Laurence Hallewell, para quem “Ao estudar a atitude dos portugueses em relação às ‘letras impressas’ no Brasil devemos ter em mente a importância que eles evidentemente atribuíam ao isolamento da colônia de todas as influências externas, uma obsessão que parece ter-se agravado à medida que avançava o século XVIII” (Hallewell 1985: 20).

A prática da censura, aliada às ordens de “queimar as impressoras e derreter os tipos”, explicam, em parte, a forma desigual da difusão das idéias na colônia, mas explicam também o contrabando. Lord George Macartney, passando pelo Rio de Janeiro em 1792, com pasmo registra apenas duas livrarias, ainda assim observando que “aqueles com quem tivera contato se mostravam muito curiosos acerca da última subversão na França”. Ou de como dirá Max Netlau, em obra referida adiante, abordando a circulação das idéias neste período, não obstante os limites impostos: “a utopia, o pseudônimo, a impressão clandestina ou o livro introduzido de contrabando, tudo pertence a essa boa guerra que preparou os espíritos para a revolução”.

O contrabando nos navios não parece ter sido pequeno. Além de livros, os jornais e panfletos chegam ao Recife. Do já citado viajante francês Tollenare é a informação (com pasmo) da circulação de gazetas francesas e dos jornais *O Investigador Português*, *Correio Braziliense* e *O Português*, editados em Londres e de circulação proibida em Portugal e colônias. Registre-se aqui, que em Londres e Paris, após 1814, têm incremento a produção editorial de livros e periódicos em língua portuguesa, atendendo à

demanda do comércio ilegal, o que demonstra o crescimento do público leitor. A respeito do comércio editorial de livros em língua portuguesa editados em Paris o estudo minucioso de Vítor Ramos “A Edição de língua portuguesa em França” confirma o crescimento desse comércio até 1850.

As gazetas e as revistas cumpriram destacado papel na difusão das idéias nas primeiras décadas do século XIX. Não se pode subestimar sua função, pois de múltiplo alcance: ampliar o número de leitores; tornar possível o acesso às recensões e extratos de obras e a divulgação de listas de livros editados na Europa; fonte permanente dos jornais editados na província, alimentando suas colunas de filosofia, literatura e política. Cumpre assinalar o caráter de permanência do jornal à época: fonte de informação, é encadernado e suas coleções são encontradas nas bibliotecas e gabinetes de leitura.

Fontes da época indicam a presença de jornais franceses nas bibliotecas ou gabinetes particulares de leitura, além das revistas. Frei Caneca teria tido contato com a *Revue Encyclopédique* (séc. XVIII) e a Faculdade de Direito registra em seu acervo a *Revue Britannique* (1833-1837), *Edinburg Review*, *The Quartely Review*, *Westminster Review* (1839), *Revue des Deux Mondes* (1835-1837), *Journal de l'Institut Historique* (1834-1836), *Journal des Connaissances Utiles* (1832-1837), *Journal des Economistes*, *Illustration* e *La Revue*.

O acervo da Faculdade de Direito em Olinda é constituído pela Biblioteca dos Oratoreanos (entre quatro a cinco mil volumes), doações de particulares, conforme registros de 1831, e doações do Governo Imperial. A criação do curso impulsiona o comércio de livros (as “lojas de livros” ocupam-se do comércio e não mais as boticas, lojas de ferragens ou o pregão dos mascates de porta em porta) e a criação de biblioteca pública em Recife, até então inexistente. Se é certo o incremento ao comércio de livros e em seguida o estabelecimento das casas tipográficas, o curso jurídico enfrenta internamente um “prolongamento da censura”. Os compêndios adotados devem ser aprovados pela Congregação conquanto “estejam de acordo com o sistema jurado pela nação”. O que não significa dizer que os compêndios sejam o material exclusivo dos cursos. Outros textos circulavam: é o tempo das ‘sebentas’ e do início das traduções. Além da biblioteca do curso jurídico, aparecem registros de bibliotecas anteriores à criação dos cursos jurídicos através do relato de Tollenare e outros, referindo a Biblioteca dos Conventos (de São Bento, do Carmo, de São Francisco), de particulares abastados e de quadros da burocracia.

Convém sublinhar que a implantação dos cursos jurídicos, além do incremento do comércio de livros, aumenta a população de estudantes, faz nascer os círculos de leituras, as sociedades literárias e as folhas estudantis. São vários os títulos que aparecem por todo o século XIX, além da colaboração em outros periódicos. As folhas estudantis, no espírito da época, intitulam-se literárias, filosóficas, políticas e participam dos debates em voga.

Um dos temas mais caros à imprensa do período é “o combate à ignorância política”. O Olindense chega a apoiar mensagem à Câmara dos Deputados propondo que o governo traga ao Brasil “escritores modernos” (Charles Comte, Dunnoyer, Droz, Jouy, entre outros), “para ensinar ciências sociais”. Uma anotação de Gláucio Veiga é relevante para nosso estudo: Dunnoyer e Charles Comte, fundador e redator respectivamente de *Le Censeur Européen*, no período ainda então “impregnados de saintsimonismo”, teriam chegado aos estudantes de Olinda através da gazeta francesa (que repercutiria inclusive no título de alguns jornais, em Pernambuco e no Rio de Janeiro) e da obra do primeiro: *L'Industrie et la Morale considerées dans leurs rapports avec la liberté*, de 1825.^[6] Sobre a influência dos chamados socialistas utópicos, o já citado Gláucio Veiga, estudando as idéias do Padre Lopes Gama, a quem considera “descartado da tradição revolucionária pernambucana”, não obstante ser um anti-escravagista e antiabsolutista, um “constitucionalista”, conclui que o eixo ideológico de Lopes Gama estrutura-se saint-simoniano. Fundamenta sua assertiva na leitura dos vários escritos de Gama, destacando “Melhoramento da Sorte das Classes Industriais” de 1845, onde afirma que “em nossos dias, três homens distintos têm tentado o melhoramento das classes laboriosas, mediante a reforma da sociedade em geral: St. Simon, Fourier e Owen”.^[7]

Ao comércio de livros feito nas lojas vêm juntar-se as primeiras tipografias. Manoel Figueiroa de Faria, em 1831, ao lado de sua loja de livros em Olinda abre uma tipografia, editando os primeiros livros de Pernambuco: obras de Direito, mas também traduções do francês de Voltaire, Stuart Mill, Erasmo, Bentham. Desse período é a importante publicação em Recife do livro *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, da feminista pioneira Nísia Floresta (Dionísia Gonçalves Pinto), uma livre adaptação da obra de 1792 de Mary Wollstonecraft, *Vindication of the Rights of Women*.

O referido Manoel Figueiroa de Faria, em 1845 expõe em sua livraria várias publicações que chegam da França, por encomenda de Vauthier: *Almanack Phalanstérien*, *Les Enfants au Phalanstère*, *Débauche de la Politique*, *Notions de la Science Sociale*, *Vie*, de Charles Fourier, *Examen et Défense du Système*, de Fourier, *Exposition Abrégée du Système de Fourier*, *Trois Discours*, *De la Politique Nouvelle*, *Solidarité*, *Nouveau Monde Industriel*, *Petit Cours de Politique et d' Economie Sociale*, entre outros. Praticamente a

mesma lista de publicações, em quantidades que variam de 2 a 12 exemplares, com predominância de Fourier, estão à venda no mesmo período com o livreiro Coutinho; donde se infere ser intenso o trabalho de Vauthier, ampliando o círculo de leitores e possíveis adeptos do fourierismo no Recife, como é o caso de Antônio Pedro de Figueiredo.

III– Antônio Pedro de Figueiredo: a revista O Progresso e Louis Léger Vauthier

Alfredo de Carvalho, dos primeiros a divisar a contribuição intelectual de Figueiredo, embora o restringindo ao campo do jornalismo, lança luzes sobre essa personalidade adiantada ao seu tempo, encontrando nele leituras modificadas ao influxo de Owen, Saint-Simon e Fourier. Gilberto Freyre, em O Nordeste, avança na apreciação do intelectual e dimensiona seu papel como “revolucionário intelectual do meio escravocrata do Nordeste e como crítico da organização patriarcal”. Amaro Quintas, tomado de admiração por Figueiredo após a leitura de O Progresso envida esforços para sua reimpressão, acatando a recomendação de Freyre para que A. P. Figueiredo não permanecesse tão na sombra, tão no escuro, tão dentro da alcinha [Cousin Fusco] que lhe deram os conterrâneos (sempre tão apedrejadores dos profetas).

Amaro Quintas, em eloqüente apresentação da reimpressão da revista O Progresso, chama atenção para o lamentável fato que conduz ao apagamento de campos significativos da história das idéias socialistas no Brasil. Antônio Pedro de Figueiredo é um dos “esquecidos”. Aqui se quer tratar de seu imenso labor de intelectual engajado, não sucumbindo ao impulso da “enorme condescendência da posteridade”, para usar a feliz expressão de E. P. Thompson, mas alcançando o homem e a obra no seu tempo. De suas idéias expostas n’ O Progresso, como em outros periódicos, seus exegetas, em particular A. Quintas, localizam pontos luminosos de “verdadeiras antecipações”. Em virtude de seu avanço em relação aos quadros intelectuais da época, Quintas situa-o como “um precursor da ciência social” no Recife e como “um dos mais lúcidos estudiosos de nossa realidade sociológica”.

De tudo o que Amaro Quintas observa acerca do pensamento de Figueiredo, importa reter um ponto para o estudo das idéias socialistas e sua aplicação à realidade brasileira: “na obra de Figueiredo encontramos o socialista buscando uma solução para os problemas de então em função dos postulados do socialismo dito utópico da primeira metade do século passado e o estudioso objetivo preocupado em resolver esses problemas dentro de um estilo realista, dentro das nossas necessidades” (Quintas 1950: 7). Aliás, o próprio Figueiredo, no artigo de abertura do primeiro número de O Progresso, ao mesmo tempo em que o afirma “asilo ao livre pensamento, às considerações serenas da filosofia e da ciência”, alerta para a tendência à época de “copiar servilmente a Europa”, propondo então o caminho da “aplicação ao nosso país dos dados das ciências sociais”, buscando “os germes de um futuro generoso”.

Aqui vamos nos ater ao encontro intelectual entre o professor e jornalista pernambucano Figueiredo e o engenheiro francês Vauthier, localizando na revista O Progresso pontos de influência deste e a interlocução resultante das leituras partilhadas, fornecendo o substrato para as análises sobre o quadro da realidade do latifúndio escravista e a prefiguração de ações políticas desenvolvidas na perspectiva do progresso e da reforma social. Gilberto Freyre localiza com precisão a influência de Vauthier junto a um número expressivo de intelectuais pernambucanos e, em particular, de Figueiredo: “Vauthier contribuiu para que se antecipe no Recife da primeira metade do século XIX o estudo das questões econômicas e sociais brasileiras, dentro do critério socialista.[...] concorre para a irradiação das idéias socialistas francesas nesta parte da província” (Freyre 1960: 148).

Antônio Pedro de Figueiredo, de origem humilde, inicia-se nas letras sob o amparo dos frades do Convento do Carmo. Muito jovem, vivendo “entre livros”, desenvolve o gosto pela filosofia e torna-se conhecido nos meios literários de Recife, após a tradução da “História da Filosofia” de Victor Cousin e de seguidas traduções acompanhadas de prefácios de Ortolan (Da Soberania do Povo e dos Princípios do Governo Republicano Moderno), e de George Sand (As Sete Cordas da Lira). Inicia aí seu labor na imprensa pernambucana, nos jornais A Imprensa, Aurora Pernambucana, O Lidador, Diário de Pernambuco, em cuja seção A Carteira, expende comentários sobre livros, autores, faz resenhas, entre outros assuntos sob o pseudônimo de Abdalah El-Kratiff.

A revista O Progresso (Social, Literária e Científica), como parte do esforço de aplicação das idéias reformistas no Brasil, circula de 1846 a 1848. Publicação mensal, a revista agrupava suas matérias em algumas seções: Revista Literária, Revista Política (Exterior e Interior), Variedades, Poesia. Além dos artigos de fundo e artigos assinados, publica vários trabalhos abordando os temas do Comércio Internacional, Colonização do Brasil, Latifúndio Territorial, Liberdade de Imprensa, Formas de Governo, entre outros. As traduções ocupam grande espaço com os temas da Lei Agrária, O Comunismo na Alemanha, O Socialismo na Suíça, a Doutrina de Saint-Simon, entre outros.

No primeiro número da revista, L. Vauthier escreve duas notas, versando sobre a inauguração de obras públicas no Recife. Numa nota noticia a inauguração da caixa d’água e dos três primeiros chafarizes

provisórios, construídos pela Companhia Beberibe, na Boa Vista. Faz considerações técnicas acerca da melhoria no modo de abastecimento d'água potável como um benefício para a população e faz um apelo à continuidade de tais ações de melhoramentos na cidade: "Este resultado, primeiro parto do espírito de associação em Pernambuco, não se pode conseguir sem grande trabalho, firmeza de caráter, e aturada paciência das pessoas ilustradas, que tomaram parte na direção da Companhia; e é agora de esperar, que as felizes conseqüências financeiras da empresa animem os nossos capitalistas a fundarem novas associações do mesmo gênero, para outros objetos de interesse público" (Vauthier 1846).

Seus escritos sobre as obras públicas estão sempre chamando atenção para o uso correto dos materiais, adequação de procedimentos e inovação quanto ao rebaixamento de custos. Uma pergunta é constante nas críticas que dirige aos serviços de encanamento, empedramento de aterros e outros mais: "Quantas vezes nas artes se conseguem maus resultados no emprego de meios bons em si, mas de que se faz errônea aplicação".

Em artigo abrindo a seção "Revista Científica", Vauthier faz uma longa exposição sobre Os Caminhos de Ferro, abordando questões técnicas ligadas à construção das estradas, processos locomotores, sistema por ar comprimido. Apesar de informar que o artigo traz informações "segundo a ciência e a arte do engenheiro", enfatiza a necessidade da aplicação do sistema de estradas de ferro no país, posto que "a questão não é apenas científica, é também econômico-política". Para Vauthier, o emprego dos caminhos de ferro representa não apenas o progresso comercial e industrial para muitos países, mas segundo ele "virão a ser dentro em pouco tempo, um dos mais potentes órgãos de paz e associação fraternas entre as nações", assertiva bem ao estilo fourierista.

IV - Vauthier, Mure e Derrion – divulgadores do fourierismo no Brasil

Em 24 de Julho de 1840, Louis Léger Vauthier embarca na França com destino ao Recife. O tempo da longa travessia é preenchido com o estudo de português e as leituras: *Études Sociales*, de J. Lechevalier, Barbier, um folhetim de Philareste (discordando do autor quanto às apreciações feitas sobre o sistema de Fourier), além da leitura da exposição das doutrinas de Saint-Simon estabelecendo as comparações com o pensamento de Fourier, entre outras. Entremeia as leituras com as horas de reflexão sobre o pensamento de Bacon, a recitação de poemas de Victor Hugo, as conversas com os outros passageiros (até a discussão sobre questões sociais).

Uma característica marcante de Vauthier: o desejo de difundir as idéias de remodelação social ressalta da leitura de seu diário. Uma observação recolhida nele afirma esta característica: "Há em mim um desejo imperioso, uma viva necessidade de falar às vezes dessas coisas elevadas que ainda hoje a ciência pressente mais do que explica. Mas bem raras que têm idênticas aspirações e desejos. Tenho então de refletir sozinho, – porém o trabalho solitário do pensamento me é extremamente penoso. As idéias que não posso transmitir perdem para mim todo o encanto" ("Diário Íntimo de Louis Léger Vauthier", *apud* Freyre 1960, voll. II: 532). Sua atitude frente ao conhecimento é orientada pela discussão e o debate dos pontos-de-vista das novas doutrinas.

Logo de sua chegada encontra em Auguste Millet, um dos técnicos de sua equipe (que viria a ficar definitivamente no Brasil), espaço para conversação sobre o sistema de idéias de Fourier e abordam juntos "idéias sobre a regeneração da humanidade". Ainda que, aqui e ali, lance mão de um comentário ferino ("Domingo – dia perdido em conversações falansterianas com Millet"), este é alcançado pela matriz fourierista de idéias socialistas. Seus escritos na revista *O Progresso* confirmam a influência de Vauthier; ali o engenheiro Millet na série de artigos intitulados "Interesses Provinciais" apresenta sugestões de projetos de lei à Assembléia Legislativa de Pernambuco. São suas proposições: criação de um Conselho Provincial, com o objetivo de examinar as contas dos órgãos públicos do estado e do município e dos estabelecimentos de caridade subsidiados com verbas públicas; nova circunscrição territorial para a província de Pernambuco; criação de um imposto sobre as heranças e legados de toda espécie; criação de um imposto sobre os rendimentos acima de 200\$000 anuais e a criação de um banco popular.

É permanente a ação de Vauthier como divulgador de autores e publicações. Frente à rusticidade do meio, seus pedidos de livros em França são cada vez mais freqüentes, abastecendo não apenas seu círculo mais próximo, como ainda as poucas e precárias livrarias: a dos livreiros franceses no Recife, Gabriel Bez e Marie Deshayes, e dos livreiros Manoel Figueiroa de Farias e F. Coutinho são exemplos. [8] Desde sua chegada ao Recife, empreende muitas andanças pela cidade, seus desvãos, seus arredores, engenhos das cercanias e outros mais afastados, anotando mentalmente suas impressões sobre a terra e as gentes. "Então para o observador superficial, que não visse quanta miséria verdadeira se mistura a essas aparências de luxo", segundo ele, encontraria uma paisagem encantadora – "mas que é tudo isso, meu Deus, no meio de uma população escrava e faminta, no meio de seres que deixam miseravelmente ociosa a mais fecunda e rica natureza que existe sob o céu?" Essas visões inspiram o que Vauthier chamou de "amargas reflexões", resultando uma perspectiva sombria: "Se esse povo seguir

a marcha usual dos progressos sociais, está ainda bem longe de atingir estado mais ou menos suportável”. Ainda assim, em suas variações do olhar europeu, ora maravilhado com a luz, as cores e os sabores, ora irritado com a lerda burocracia ou ainda decepcionado com a falta de brilho nas conversações mundanas dos chás e as insípidas polêmicas dos salões, vai pouco a pouco enxergando luminosidade nalguns espíritos.

Atento às manifestações de abertura ao debate das idéias reformadoras, busca contatos e estreita laços. Um dos exemplos é a anotação do diário sobre Filipe Lopes Neto (participante da Rebelião Praieira); em quem Vauthier percebe um espírito não “rotineiro”: “soube que ele é falansteriano”, possível de ser “seduzido pelas idéias inovadoras”. As conversas com Filipe Neto giram em torno de informações sobre a empreitada do Dr. Mure na península do Saí, em Santa Catarina.

Alia ao seu trabalho técnico o desejo de conhecer a paisagem social e humana da região. A todo instante se manifestam nele o engenheiro e o reformador social. De sua França não se distancia. Para ele “É ainda ali que se encontra o maior número de almas generosas e corações nobres. É ainda ali que há verdadeiras luzes e germes de progresso”.

Os paquetes que chegam e partem levam suas cartas e impressões do Recife e trazem livros, periódicos, gazetas que aos poucos vão encontrando um público afeito ‘às luzes e ao progresso’. Dedicava boa parte de seu tempo às leituras. Muitas delas são ligadas às técnicas de edificação, construção, engenharia de pontes, de onde extrai farto material para as soluções urbanísticas requeridas para a Recife de então. No entanto, sua atenção não se descola da experiência de leitura e decifração das idéias reformadoras vigentes na Europa.

Em sua casa, no acanhado gabinete de trabalho, onde escreve seus versos e pinta seus esboços e retratos, muitos títulos e autores se juntam: Introdução à Economia Política, de Say, Confissões, de Rousseau, as Memórias de Delambre, Bouguer e Condamine. Como ainda a presença de Sismondi, Mignet, Michelet, Ravinel, Genings, d’Aubuisson, Victot Hugo, Gauthey, Puissant, Volney, entre outros. De sua vária leitura não podiam faltar as gazetas e periódicos franceses: recebe muitos números do Messenger e é assinante da Phalange e Démocratie, encadernados em suas coleções e disponíveis à consulta de seu círculo intelectual.

A provisão de livros, gazetas, periódicos e outros impressos é feita de Paris por F. Cantagrel. No Diário de Vauthier encontramos seguidas anotações, que se vão avolumando, de pedidos de publicações: os livros Le Fou, Paget, assinaturas de Phalange, coleções completas da obra de Fourier. Observe-se que Vauthier preocupa-se também em divulgar na França as notícias sobre os avanços no Brasil das “idéias inovadoras”. Para Cantagrel se destinam não apenas pedidos de publicações, como ainda as notas de Vauthier sobre a colônia de franceses que se instalara no Saí sob a orientação do Dr. Mure, impressos do próprio médico francês, exemplares do Jornal de Pernambuco do Diário do Commercio do Rio de Janeiro (com matérias sobre a experiência falansteriana do Saí), do Socialista da Província do Rio de Janeiro, de O Progresso, de Antônio Pedro de Figueiredo.

Das observações do meio físico e social, da sistematização das leituras vai retirando o material a partir do qual firma sua influência, de repercussão duradoura e significativa, como divulgador do fourierismo no Recife. Começa a colaborar em periódicos locais e estreitar a correspondência com a Phalange bem como desenvolver seus estudos ligados aos arranjos técnicos que favoreçam a remodelação urbana de Recife. Fruto das observações feitas no período é seu estudo Des Maisons d’Habitation au Brésil, para a Revue Générale de l’Architecture, publicada em 1853. Acerca das várias contribuições de Vauthier (e sua equipe) veja-se extrato do artigo publicado na revista O Progresso, quando de sua partida do Recife:

A organização de uma administração una e hierarquicamente ordenada, a substituição dos processos científicos e exatos as apreciações empíricas, até então em voga, orçamentos claros e precisos quanto aos preços e quantidades, susceptíveis de serem verificados por todo aquele que possui conhecimentos na arte de Engenheiro, economia de cento por cento no custo das porções de estradas executadas, trabalhos feitos com solidez, elegância e economia, não são ainda senão uma parte dos serviços prestados a nossa província pelo hábil engenheiro das pontes e calçadas de França, serviço que só há podido escurecer a cegueira do espírito de partido e de interesses particulares. [\[9\]](#)

Já se viu que o esforço permanente de Vauthier no tocante à divulgação de idéias é alargar o círculo de leitores, tornando as leituras sistemáticas. É o caso de passar rapidamente do hábito de empréstimo dos jornais recebidos da França para formar um público de assinantes, o que torna possível ampliar as práticas correntes de leitura, visto que um mesmo jornal é sempre lido por várias pessoas e em seguida objeto de coleção e provisão de extratos para a imprensa do Recife, como é o caso da revista O Progresso. Entre os nomes anotados em seu Diário como assinantes da Phalange ou do Démocratie, como ainda recebendo folhetos e livros: o Barão da Boa Vista, Soares de Azevedo, Antônio J. de Miranda Falcão, Antônio Borges da Fonseca, Antônio J. de Sousa Castro Figueira de Melo, Maciel Monteiro (médico), J.C. Bandeira de Melo (professor e advogado) José Bento da Cunha Figueiredo

(advogado), Antônio Pedro de Figueiredo (jornalista e professor), Carneiro da Cunha (magistrado), Paula Batista (professor) entre outros; e os franceses Millet, Buessard, Brosser, Morel, Saisset, Boultreau .

Tal é o interesse em firmar uma audiência das novas idéias no Recife que, tão logo é informado da transformação de Phalange em jornal diário, trata de encaminhar à França uma lista, de sua iniciativa, de quinze subscritores de ações. Exemplo claro de intercâmbio e auto-sustentação das publicações. Anote-se aqui o interesse de Vauthier em relação às publicações e o intercâmbio com o Rio de Janeiro. Recebe coleções do Socialista da Província do Rio de Janeiro, distribuindo-as com alguns dos já referidos assinantes de Phalange ou Démocratie.

Seu intercâmbio com o Rio de Janeiro é certamente facilitado pela significativa presença francesa no ramo editorial e do comércio livreiro na capital (Plancher, Villeneuve, Mougenot, Bossange, Aillaud, Laemmert, Garraux, entre outros). O editor francês Plancher já em 1827 anuncia alentado acervo (com a predominância dos textos políticos) trazido da França: d'Alembert, Condillac, Guizot, Pitt, Diderot, Mirabeau, Montesquieu, entre outros. Na descrição da Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, feita por Joaquim Manoel de Macedo, entre os vários livreiros ali instalados (Villeneuve, Garnier, Cremière, Firmin Didot) destaca a livraria de Louis Mongie. Macedo em suas Memórias da Rua do Ouvidor destaca Mongie como livreiro de instrução variada e conversação ilustrada, tendo sido sua livraria "preciosa fonte de civilização, freqüentada pelos homens de letras e pelos cultivadores das ciências que achavam nela os melhores livros de publicação recente".

Ademais, o afrancesamento do Rio como do Recife, é fenômeno largamente estudado. Hallewell, em sua História do livro observa com precisão a "receptividade excepcional [no Brasil] a todos os adornos da cultura francesa", acrescentando que se chegava a "identificar tudo o que era francês como moderno e progressista". Como teriam anotado os viajantes Kidder e Fletcher sobre a quantidade de publicações francesas nas livrarias sobre "ciência, história e filosofia atéia", estava disseminado o gosto pelas traduções de romances franceses, posto que até as mulheres liam "a maior parte das obras de Balzac, Sue, Dumas, George Sand". É nessa ambiência de afrancesamento que Vauthier tenta recolher prosélitos e difundir as idéias francesas de regeneração social.

Da intensa atividade de Vauthier no Recife chegando ao meado do século XIX, destaque-se aqui três campos: o recurso da técnica (construção do Teatro Santa Isabel, pontes, levantamento de mapas, soluções de equipamentos urbanos de encanamento e moradia, introdução de maquinaria, administração de obras públicas, entre outros), o estudo da paisagem humana e social (higiene de habitação, relações entre o espaço público e o privado, o mundo dos senhores e dos escravos, a cultura política, as relações de trabalho, a propriedade da terra, a família patriarcal, relações interétnicas, a vida privada, hábitos, costumes e tradições, entre vários) e a ampliação do debate em torno das idéias de "regeneração humana" (distribuindo publicações, colaborando na imprensa, divulgando novas leituras, intercambiando experiências e estudos, conectando as idéias e os experimentos de progresso social no Recife, Rio de Janeiro e Santa Catarina e destes com a Europa; alargando o círculo de leitores intelectuais e progressistas, alimentando polêmicas, ampliando o mapa das idéias socialistas no Brasil).

Quando Vauthier volta à França, em 1846, o Recife tinha-se tornado num centro de debate das novas idéias de reforma social e, por isso, não é de estranhar que foi nessa cidade que José Ignácio Abreu e Lima (1794-1869), o ex-general de Simon Bolívar e filho do revolucionário Padre Roma (fuzilado em 1817), publicou o primeiro livro O Socialismo, onde fala das idéias de Lamennais, Saint Simon, Owen, Fourier, referindo-se também a Godwin e Proudhon. Abreu e Lima, de volta ao Recife e seguindo uma vida de intensa militância, publica A Cartilha ao povo, onde defende a necessidade de "desimportuguezar o Brasil", participa de campanhas reformistas em torno do sistema eleitoral brasileiro, colabora no Diário Novo da Rua da Praia e funda, em Maio de 1848, seu próprio periódico, A Barca de São Pedro, quando começa a expor seu pensamento acerca dos princípios de reorganização social, como na edição de 16 de Outubro de 1848: "O meu princípio fundamental é a comunidade de trabalho, princípio socialista especificado no saint-simonismo, comunismo e fourierismo, mas as teorias não são suficientes para mudar o mundo" (*in* Chacon 1983: 61). Em 1855, publica O Socialismo, onde afirma sua concepção nestes termos: "O socialismo não é uma ciência, nem uma doutrina, nem uma religião, nem uma seita, nem um princípio, nem uma idéia: é mais do que tudo isto. É um designio da Providência. Em que consiste o socialismo? Na tendência do gênero humano para tornar-se uma só e imensa família". Um leitor atento de Lamennais, mas que marca a diferença ao declarar ao fim de seu livro "Aquele que tiver um pouco de inteligência, verá finalmente que falei como filósofo e não como teólogo, desta e não da outra vida" (Abreu e Lima 1979).

Feita esta digressão em torno da rica figura de Abreu e Lima, ele próprio alcançado pelas doutrinas fourieristas, tendo travado contato com Michel Derrion, volto a falar da aventureira viagem societária dos lioneses em direção ao Novo Mundo. Em torno de 1840, os fourieristas franceses, após o insucesso do primeiro falanstério francês de Condeé-sur-Vesgres, voltam-se decididamente à aplicação de seu projeto

societário em direção ao Novo Mundo. Evidência do fato é a publicação no periódico falansteriano *Le Nouveau Monde*, em 21 de Janeiro de 1840, de uma proclamação em torno da criação de experimentos societários e a imediata formação de três grupos denominados de “realizadores” ou de “trânsito”: um em torno do fourierista polonês Jean Czynsky, diretor do periódico referido, com o objetivo de estabelecer um falanstério no Texas (experiência não realizada, embora seu idealizador tenha realizado viagens exploratórias entre 1841 e 1843); outro em torno do belga Zoe Gatti de Gamond e do inglês Arthur Young, com vistas à fundação de um experimento fourierista em Citeaux; e o terceiro em torno de um dos signatários do aludido, proclama Michel Derrion para fundação de um falanstério no Brasil. Aqui se dá o encontro de idéias e projetos entre Derrion e Jules Benoit Mure, cujo resultado imediato é a criação da União Industrial e a definição da província de Santa Catarina, ao sul do Brasil, como lugar de eleição do falanstério.

Michel Derrion, de quem se conhecem soluções pessoais em torno aos problemas sociais vividos pelos trabalhadores da indústria da seda, publica em 1834 o folheto “*Constitution de l’industrie ou organisation pacifique du commerce et du travail ou tentative d’un fabricant de Lyon pour terminer d’une manière définitive la tourmente sociale*”, e na seqüência, seu projeto reformista propõe a formação de cooperativas (‘Comercio Veraz e Social’), que têm vida até 1838. Neste período transita do pensamento saintsimoniano ao fourierismo, formando junto ao grupo que publica o boletim *Correspondance Harmonienne*, lugar também de combate dos lioneses às teses de Victor Considérant. Em Paris, se agrega ao grupo em torno do periódico *La Phalange*, depois *La Démocratie Pacifique* e por fim *Le Nouveau Monde*. É aqui que Derrion, homem de ação, é tocado pelas acaloradas discussões acerca da necessidade de “passar de imediato ao terreno do ‘garantismo’, à fase de experimentação, intermediária entre a civilização e a harmonia”. É quando conhece outro colaborador de *Le Nouveau Monde*, Benoit-Jules Mure.^[10]

Benoit-Jules Mure combina em seu apostolado duas fontes: o proselitismo homeopático e as teses fourieristas, cujas evidências vamos encontrar em 1837 quando Mure, em Palermo, abre um dispensário homeopático e funda um periódico falansteriano, *L’Attrazione*, dado por Pierre-Luc Abramson como o primeiro e talvez o único periódico falansteriano da Itália. O próprio Mure em 1839, na *Correspondance Harmonienne*, reivindica o pioneirismo na Sicília quanto à introdução do que chama de “ciência societária”. Em 1839, em Paris, abre um instituto homeopático e um centro hidroterápico e inicia sua colaboração, como membro do conselho de redação, junto ao jornal *Le Nouveau Monde*.

Neste ponto se dá o encontro com Derrion e a criação da União Industrial rumo à experiência falansteriana no sul do Brasil.^[11] Aqui é de interesse destacar a força da propaganda direta que informa estes experimentos, ou como observado em Max Nettlau, a fé numa realização direta do socialismo fez com que as nuvens da utopia baixassem à terra por uma chamada vibrante ao coração dos homens. É o momento em que “el deseo del experimento reemplazó la utopía e se ardía de impaciencia por realizar las ideas em carne y hueso (...) sus ideas les han parecido dignas de realización y necesitadas de una aplicación mucho más práctica, (...) por el ensayo en proporción conveniente, por el experimento” (Nettlau 1991: 64-65).

As idéias de reforma social que começaram a chegar ao Brasil na década de 40 do século XIX coincidiram com o primeiro impulso que haveria de transformar lentamente o Brasil monárquico, rural e escravista em uma República oligárquica que iniciaria a industrialização e urbanização do país. Por essa razão as idéias modernizadoras de Benoit Jules Mure, médico da cidade de Lyon que aderiu ao fourierismo quando vivia na Sicília em 1839, idealizador da Colônia do Saí, tiveram uma ampla receptividade na imprensa da época, tendo o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, divulgado amplamente e debatido seu projeto associativo.

Nessa mesma época em que Vauthier, no Recife, divulgava Fourier, o médico Benoit Jules Mure dava, no sul do Brasil, em Santa Catarina, os primeiros passos para instalar um falanstério. Trazia consigo um projeto amadurecido em França de criação duma comunidade falansteriana, tendo por base as idéias de Fourier. Com esse objetivo fora criada em França uma sociedade, a “*Union Industrielle*”, cuja finalidade era divulgar e apoiar a implantação de uma comunidade societária no Novo Mundo. Acerca da escolha do Brasil, cabe agregar a informação de Jean Gaumont, para quem a decisão teria sido de Mure e, provavelmente, sob influência de Tandonnet, então no Uruguai. O que é certo é que Mure, após a apresentação, em 21 de Setembro de 1840, dos estatutos da União Industrial ao cônsul do Brasil em Paris, parte para o Rio de Janeiro em Novembro do mesmo ano, com o objetivo de realizar os preparativos formais para a instalação do experimento societário.

Através do *Jornal do Comércio* começou Benoit Mure, em Dezembro de 1840, a divulgar suas idéias, e embora não ocultasse o caráter reformador e progressista, procurava cativar o apoio dos políticos e elites brasileiras principalmente prometendo trazer para o nosso país um grande número de operários e

especialistas que iniciariam a manufatura de máquinas a vapor, uma novidade tecnológica num país ainda eminentemente agrário.

Esse projeto – que correspondia ao desejo modernizador de alguns setores das elites brasileiras – logo chamou a atenção da corte, tendo Mure sido recebido pelo Imperador e obtido promessas de apoio do governo imperial. Apoio que logo se traduziu na possibilidade aberta para que o médico fourierista embarcasse em navio da Marinha, percorrendo a costa do sul do Brasil em busca do local ideal para localizar seu projeto. Acabando por se decidir pela Península do Saí, em frente a São Francisco (Santa Catarina), já que aí havia terras disponíveis e estava perto do porto, o que possibilitaria a exportação das máquinas a vapor, que pensava ser a principal produção da colônia, para o Rio e São Paulo. A concessão de terras em Santa Catarina, pela administração imperial, resulta em júbilo para o Dr. Mure, que encanta-se com a localização e o clima, como se depreende do estudo a ele atribuído “*Doctrine de l'École de Rio de Janeiro et pathogénésie brésilienne*” (1849), onde destaca os cuidados com a higiene e a saúde dos falansterianos e afirma que “graças à homeopatia, se viu pela primeira vez uma colonização europeia isenta de mortalidade sob um clima tropical”.

Em Julho de 1841, a Câmara de Deputados aprovou um empréstimo de 64 contos de réis, para apoiar o início do projeto. No mesmo período, em França, Michel Derrion e Joseph Reynier fazem a ativa propaganda e recrutam os futuros colonos, principalmente graças à ação deste último, dado sua legitimidade junto aos meios operários e socialistas de Lyon.

Definidos os principais critérios de recrutamento chega-se ao primeiro grupo formado por 110 pessoas, entre homens, mulheres e crianças que, em Setembro de 1841, se dirigem ao porto de Havre, não sem antes realizarem uma romagem cívica ao túmulo de Fourier, no cemitério de Montmartre, como atesta o emocionado artigo de Anastasie Czynski, no jornal *Nouveau Monde*, de 1º de Outubro de 1841. O primeiro grupo, com Michel Derrion à frente do vapor *La Caroline*, parte para o Rio de Janeiro.

Deste episódio é comovida a descrição de Jean Gaumont que nos chega: “Um verdadeiro romantismo obreiro e social, religioso e fraternal, parece brotar e exaltar-se ante à evocação deste redescobrimento do Novo Mundo, ante esta visão maravilhosa, ante a Terra da América” (Gaumont 1924: 115). Para Pierre-Luc Abramson “não é difícil imaginar o entusiasmo destes aventureiros pacíficos quando partiam para a Terra da Promissão do Novo Mundo. Cantos e poemas de esperança foram interpretados nessa ocasião” (Abramson 1999: 211). No entanto, problemas resultantes de divergências pessoais e políticas entre Mure e Derrion, quando da discussão dos estatutos da União Industrial, portanto já antes da partida do primeiro grupo, provocariam uma divisão entre os franceses, originando a criação de duas colônias, a do Palmital e a do Saí. No entanto, convém informar que em França era continuada a obra de propaganda e o apoio à experiência societária brasileira, como se vê com a publicação do jornal *Le Premier Phalanstère*, sob a direção de Simon Blanc e os constantes anúncios insertos na imprensa operária de cariz socialista. O enfraquecimento desta atividade se dá quando a divisão também chega à França, cindindo a União Industrial Francesa e formando dois comitês de apoio à experiência falansteriana no Brasil.

As duas colônias logo se viram confrontadas com as adversidades na realização societária, para já comprometida face às ambigüidades entre o projeto original e a realidade vivida. O apoio prometido pelo governo foi limitado, a localização inadequada, a utilização de mão de obra local trazendo novos problemas de relacionamento, tendo os utopistas franceses de lutar por sobreviver no meio da mata atlântica, em condições difíceis e desconhecidas, uma situação agravada pelo fato de serem na sua totalidade operários e artistas provindos do mundo urbano. Todas estas dificuldades levaram a que muitos dos franceses que vinham com destino à comunidade acabassem ficando no Rio de Janeiro, não chegando a integrar a experiência, como é o caso do contingente de 120 emigrantes que embarca em 1º de Setembro de 1842 com destino à Santa Catarina.

Relatórios de inspetores do governo de 1842 e 1843, embora favoráveis à experiência, apelavam a que fossem tomadas medidas urgentes de apoio ao empreendimento. Na prática pouco foi feito, o que certamente determinou a frustração do projeto econômico da colônia industrial. Quanto ao projeto societário, do falanstério – caso a experiência fosse mais duradoura –, certamente se confrontaria com outros e não menos graves problemas: como realizar uma sociedade ideal, no micro-espço de uma comunidade isolada? Ainda assim, segue sendo de significação histórica a recuperação do estudo destas experiências, porquanto mobilizadoras de notável energia criadora e pelo conteúdo de prefiguração de novas práticas sociais: homens, mulheres e crianças transplantando do vocabulário das utopias do século XIX o ensaio de uma plausível comunidade de destino e, até, inscrevendo uma outra história.

Neste sentido, a realização de estudos atualizando o tema vem iluminando algumas dimensões destes projetos que estiveram durante longo tempo silenciadas ou esquecidas. É o caso da recuperação do texto testemunhal de Louise Bachelet Phalanstère du Brésil: *Voyage dans l'Amérique méridionale* (Paris:

Imp. de Pommeret et Guenot, 1842). No escrito de Louise Bachelet, longa missiva aos fourieristas de Paris, encontra-se o relato de sua presença no falanstério do Saí em Julho de 1842. Segundo o estudo de Pierre-Luc Abramson, trata-se do relato lírico realizado por esta apaixonada militante de quem desafortunadamente pouco se sabe. Sabe-se que já havia participado da experiência falansteriana de Conde-sur-Vesgres e resolve difundir o pensamento fourieirista na América, chegando assim ao Uruguai e, daí ao Saí, no Brasil a que chama “a terra tão largamente sonhada da realização” e onde é recebida pelos colonos com um hino que fortalece sua imaginação: “Partamos, partamos à Terra da Promissão/ É necessário um novo mundo para destinos novos”. O escrito de Bachelet contém ricas informações sobre o modo de vida, as dificuldades do cotidiano, a utensilagem da vida doméstica e do trabalho, o emprego de trabalhadores brasileiros e, a um só tempo, conclui que o falanstério segue sendo ainda um esboço e reafirma a crença inamovível nas idéias fourieristas. Passagem singular de sua narrativa é aquela em que um colono mostra-lhe, do alto de um monte, o lugar onde se erguerá o palácio societário com sua arquitetura de sonho, ela recorda a experiência de Conde-sur Vesgres e compara: “Nenhuma semelhança com o que sucede aqui: esta natureza nobre e exuberante do Novo Mundo se encontra tão bem e em harmonia com o desenvolvimento do pensamento falansteriano! Ela é tão abundante em esperanças e em promessas! Me entreguei sem reservas a todas as impressões que me chegavam ao contemplar um rincão da terra prometida a tão elevados destinos” (*apud* Abramson 1999: 217). Palavras alusivas à permanência no tempo da continuada relação entre harmonia, utopia, exuberância e fecundidade da terra de promessa no imaginário do socialismo romântico.

Não se sabe ao certo quantas pessoas fizeram parte das colônias, embora Mure tenha afirmado em 1844, depois de abandonar o Saí, que tinha trazido quinhentos operários para o Brasil. As fontes do período indicam que a terceira partida de emigrantes até Santa Catarina se deu em Fevereiro de 1843 em direção ao Palmital, que na altura tinha presumíveis 200 membros, e talvez o dobro dos que permaneciam no Saí. Sabe-se também que as autoridades brasileiras trabalhavam no sentido de estancar o fluxo da travessia, o que se confirma da correspondência do cônsul francês, pedindo providências para impedir a vinda de mais franceses, preocupado com o número de conterrâneos que apareciam na embaixada em busca de apoio.

Desses franceses alguns permaneceram no Brasil, outros regressaram a França, alguns deixaram descendência no Brasil, outros rumaram ao Uruguai, e outros ainda buscaram em 1855 no Texas, Estados Unidos, ensaiar uma nova comunidade fourierista (La Reunión), fundada em 1854 por Victor Considérant, o mais destacado continuador de Fourier.

Benoit Mure abandonou a experiência e instalou-se no Rio de Janeiro onde viveu de 1843 a 1848. Igual caminho é adotado por Michel Derrion. Na capital, Benoit Mure instalou, em 12 de Dezembro de 1842 o primeiro de uma série de vinte e cinco dispensários homeopáticos, sendo um dos primeiros divulgadores dessa medicina chegando a fundar um Instituto Homeopático contando com doze professores, abriu sucursal na Bahia e seus ecos terão chegado ao Recife. Em seu apostolado no campo da homeopatia conjugada ao fourierismo, Mure segue travando famosas polêmicas com os defensores do que chamava “a velha medicina” alopática, arregimentando adeptos e distinguindo-se também por atender escravos e gente do povo sem recursos.

A frustração de seu projeto comunitário não esmoreceu sua crença no fourierismo, mantendo uma grande atividade no Rio de Janeiro de divulgação de idéias, tendo fundado com outros franceses o jornal O Socialista da Província do Rio de Janeiro, um dos primeiros periódicos socialistas do Brasil e da América Latina. Jornal que o engenheiro Vauthier divulgava no Nordeste.

Mesmo de curta duração, as comunidades do Saí e Palmital têm significação sócio-histórica. Aqui aceitamos algumas das conclusões de Pierre-Luc Abramson sobre os falanstérios de Santa Catarina, para quem “sua vida em comunidade não se traduziu em um rotundo e imediato fracasso, e foi o falanstério cujos estatutos mais se aproximaram dos sonhos de Fourier e o que durou mais tempo”. De tudo, nos legam uma lição: a esperança comum é uma das variáveis indispensáveis para o êxito, ainda que limitado, de uma experiência comunitária e, dos relatos que nos chegam, os membros daquelas comunidades ensaiaram uma nova forma de vida, posto que, alimentados por uma esperança maior que o reduzido desejo de melhoramentos em sua situação pessoal (Abramson 1999: 222).

É de se observar e aquilatar, para o caso específico do Brasil, a repercussão do processo que originou tais experiências como a ampla discussão na imprensa e nos círculos progressistas da época, gerando ou agregando novos elementos ao debate em torno dos temas cruciais – a necessidade de reformas sociais, o impulso modernizador da industrialização, a abolição da escravatura e de modernização do Brasil. Impulso modernizador que viria a ter continuidade na obra mais pragmática de Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, que alguns estudiosos consideram influenciado pelas idéias de Saint-Simon, e com repercussão em outros países da América do Sul.

A vinda dos fourieristas ampliou o interesse no Brasil para as novas idéias que informavam os círculos avançados na Europa, pondo em questão a forma de organização social dominante e procurando uma alternativa societária. Nas décadas seguintes o interesse pelas idéias precursoras de Owen, Saint Simon e Fourier iriam se expandir às dos socialistas da Geração de 48, em particular Proudhon. Desembocando no nascimento dos primeiros grupos de militantes socialistas na última década do século XIX e no sindicalismo revolucionário.

V - Colônia Cecília, uma nova experiência comunitária

Como escreveu Carlos Rama no seu livro *Utopismo Socialista*, “O Utopismo prolonga-se no anarquismo muito mais que em outras correntes socialistas do século XIX”.

Esse impulso por um socialismo experimental que tinha influenciado partidários de Fourier, de Owen e, depois, de Cabet, trouxe ao Brasil em 1890 um primeiro grupo de italianos decidido a fundar uma colônia socialista experimental, a Colônia Cecília. Nessa mesma época, outros emigrantes começavam a chegar fugindo da miséria e da perseguição política na Europa. Seriam estes trabalhadores que dariam uma contribuição decisiva na divulgação das idéias socialistas e do sindicalismo no país. Como em 1840, com Vauthier, Derrion e Benoit-Mure, as novas idéias nascidas na Europa chegavam ao Brasil.

A Colônia Cecília nasceu da iniciativa de Giovanni Rossi (1856-1943), engenheiro agrônomo, médico veterinário e militante anarquista italiano, que defendia a necessidade de colônias socialistas experimentais onde fosse praticado um projeto social libertário. Em 1878, publica em Milão *Un Comune Socialista, bozzetto semi-verídico di Córdias* [\[12\]](#) – uma novela em torno do amor romântico de Cardias e Cecília, um casal que compartilha idéias de emancipação social e convence o irmão de Cecília a dispor de suas terras para a tentativa de um experimento redentor. Assim nasce a aldeia imaginária de Poggio al Mare, espécie de comunidade idílica que reúne pescadores e camponeses. Por esta via populariza seu projeto de uma comunidade libertária e segue se afirmando como defensor dos experimentos comunitários, alvo que é dos críticos que vêem nestes ensaios um desvio da ação sindical e política.

Do mesmo ano de 1878, é a publicação de um artigo de Rossi no periódico *Il Lavoro*, onde apresenta pela primeira vez seu projeto de uma comunidade socialista experimental. Em 1882, edita em Gavardo um periódico, *Dal campo allá stalla*, uma ação de propaganda junto aos camponeses tanto da idéia comunitária quanto da melhoria de seu labor, em torno das novas técnicas agrícolas. Em 1883 inicia a colaboração ao jornal *Il Socialista* de Pisa e até 1889 difunde suas idéias na imprensa operária de Itália: *La Favilla*, de Mantova, *In Marcia!*, de Pesaro-Fano, *Il Secolo*, de Milão, *Humanitas*, de Nápoles, *La Reivindicazioni*, de Forlì, *La Plebe*, de Altri, entre vários. Em Maio de 1886, na cidade de Bréscia, publica o jornal *Lo Sperimental*, dedicado à defesa da fundação de colônias experimentais e, antes de mais, lugar de irradiação do pensamento dos socialistas românticos, dos utopistas e dos anarquistas.

Escreve também a obra *Socialismo Practico: Note Storiche*, um manuscrito de 296 páginas considerado pelos estudiosos como uma importante história das comunidades utópicas, com um vastíssimo conhecimento das tentativas de vida comunitária, no campo religioso e laico, desde suas origens até aos anos 1880; larga exposição também do pensamento de Fourier, nomeadamente suas idéias sobre o “matrimônio progressivo” e as “corporações amorosas”, assim como a experiência comunitária norte-americana de Oneida e sua prática de matrimônio coletivo (práticas malthusianas e eugênicas), e ainda largo comentário sobre Albert Owen e a comunidade de Topolobampo, no México, chegando mesmo a traduzir integralmente o texto de adesão comunitária de Owen, *Our Principles*. Sobre este manuscrito se perguntará sempre as razões que levaram Giovanni Rossi a não publicá-lo.

Depois de algumas experiências na Itália e da tentativa malograda em outros lugares, Rossi decidiu-se pela implantação de uma comunidade no Brasil, onde buscaria “experimentalmente, uma forma de convivência social que correspondesse da melhor maneira possível às aspirações de liberdade e justiça”.

O primeiro grupo anarquista embarcou para o Brasil em Fevereiro de 1890, chegando a Palmeira, no estado do Paraná, no mês de Abril. Nesta região, onde já existiam uma Colônia Francesa, de famílias oriundas de Avignon, e Colônias Russas, instalaram-se os emigrantes anarquistas para criar sua comunidade, iniciando logo o duro trabalho de desbravamento da mata, abrindo clareiras para o plantio e manejo da terra para suas casas.

Apesar das outras colônias serem de emigrantes sem definição ideológica, os anarquistas italianos estabeleceram desde a sua chegada boas relações, principalmente com os agricultores franceses, que ajudariam à instalação na nova terra. No entanto, imediatamente surgiram dificuldades de adaptação a uma vida isolada, numa terra estranha, com um clima e um solo bem diferentes, que exigiam uma prática agrícola adaptada às características tropicais. Problemas semelhantes aos que os fourieristas do Sai haviam experimentado décadas antes.

Em Fevereiro de 1891 chegou um novo grupo à Colônia, que incluía várias famílias de agricultores, abrindo novas possibilidades para o grupo anarquista pioneiro pouco experiente na lida com o manejo da terra. Contudo, uma nova dificuldade se colocava: a comunidade não tinha capital, infra-estrutura e uma produção agrícola que suportasse o número elevado de novos membros, ultrapassando a duzentos. Alguns conflitos e problemas políticos com as autoridades locais agregaram outro tanto de obstáculos aos membros da Cecília.

Apesar disso, a Colônia funcionou, como pretendia Giovanni Rossi, como um laboratório de experiência sociológica, onde era possível acompanhar a tentativa de criar novas relações de produção, cooperação e sociabilidade, inclusive no campo das relações entre os sexos, entre os seus membros. Em termos da total ausência de normas e regras é elucidativo o relato de Rossi: "Por uma reação natural ao formalismo estéril e funesto do período passado, o grupo quis ser absolutamente desorganizado. Nenhuma convenção, nem verbal, nem escrita foi estabelecida. Nenhum regulamento, nenhum horário, nenhuma delegação de poder, nenhuma regra fixa de vida ou de trabalho. A voz do primeiro despertava os outros; as necessidades técnicas do trabalho, evidentes para todos, chamavam a pôr mãos à obra, às vezes separados, às vezes em conjunto; era o apetite o que nos chamava a comer, e o sono a buscar repouso" (Comolli 1976: 39; ver também Marcorelles 1976; e *Cinéma et anarchie* (1984)).

O tema da paixão e do amor, que tanta atenção havia merecido de Charles Fourier, também teve um destaque importante nas análises que Rossi fez sobre a Colônia Cecília: "Para mim, com este amor sem rivalidade, sem ciúme, sem mentira, o nosso experimento socialista se completa e do estudo dos problemas sociais, eleva-se aquele dos sentimentos mais íntimos, mais complexos, mais obscuros, que agitam a psique humana" (Rossi 1893).

O fim da Colônia Cecília foi explicado mais tarde por Rossi: "[A colônia] desapareceu porque foi pobre, e foi pobre porque principiou com pouquíssimos recursos, com pessoas incapazes para os trabalhos agrícolas e porque estava só no mundo, que lhe era economicamente estranho" (Rossi 1897). Com o desaparecimento da comunidade, por volta de 1894, só algumas famílias permaneceriam no local como agricultores. Os anarquistas se espalharam pelo Brasil, desenvolvendo sua militância nos sindicatos e na imprensa libertária. Giovanni Rossi, depois de viver no sul do Brasil, onde incentivou a criação das primeiras cooperativas rurais, regressou à Itália. Nos seus livros, *Cecilia*, *Comunità Anarchica Sperimentale* e *Un Episodio D'Amore nella Colonia Cecilia*, bem como em inúmeras cartas, Rossi faz um balanço dessa experiência comunitária, que poderia valer também para as Colônias do Saí e Palmital:

Deves compreender bem isto: que quando uma comunidade, seja agrícola, seja industrial, não tem capacidade e meios de produção suficientes, os seus membros passam melhor, pelo menos aqui, explorados como assalariados dos capitalistas. Esta, para mim, foi a causa verdadeira que preparou, pouco a pouco, a dissolução da Cecília. (idem)

Note-se que Rossi sublinha o fato da dissolução da Colônia em meio às dificuldades de vária natureza, o que não significa ter avaliado o experimento em sua dimensão temporal e social enquanto fracasso. Tal é evidente em artigo de sua lavra, em Dezembro de 1916, no periódico *L'Università Popolare*:

Para mí, que forme parte em ella, la Colonia La Cecilia no fué un fracaso... Ella se proponía un objeto de carácter experimental: darse cuenta si los hombres actuales son aptos para vivir sin leyes y sin propiedad individual....Hasta aquel momento, a la exposición doctrinaria de la anarquía, se objetaba: 'Son ideas muy bellas, pero impracticables para los hombres actuales'. La Colonia Cecilia demostró que un centenar de personas, en condiciones económicas más pronto desfavorables, habían podido vivir dos años, con escasas diferencias y una satisfacción recíproca, sin leyes, sin reglamentos, sin jefes, sin, códigos, bajo el régimen de la propiedad común, trabajando espontáneamente para la comunidad.... El resumen, opúsculo publicado con el título Cecilia, comunidad anarquista experimental, conduce a esta conclusión. Fué redactado por mí y aprobado por la unanimidad de los colonos. (apud Armand 1982: 14)

Neste ponto é razoável pôr em tela a discussão proposta em Max Nettlau, afirmando a reflexão de Irving Horowitz que ao referir-se à pertinência da visão de mundo libertária destacava que não se poderiam avaliar as utopias anarquistas desde o ponto de vista do êxito, uma vez que são os próprios anarquistas a rechaçarem esta ótica ao buscarem uma vida alternativa com base em outros valores, na direção da formação de um novo homem e uma nova mulher (Nettlau 1991: 4).[\[13\]](#)

Sobre sua autoreflexão acerca do experimento comunitário e de sua idéia de socialismo anárquico experimental, o estudo de Salvo Vaccaro sobre os textos de Rossi, em particular do escrito de 1895 *Il Paraná del secolo XX* [\[14\]](#), ajuda a situar o pensamento de Rossi no tempo:

Senza dogmi teorici, senza soluzioni precostituite, anzi con notevoli iniezioni di autoriflessioni sui limiti e di autocritica sugli effetti della sperimentazione concreta (e non letteraria), Rossi, dopo vent'anni di utopia vissuta e praticata, riesce a trarre lucidi giudizi intorno ai deficit di un progetto sperimentali in ambienti sfavorevoli.

VI - A repercussão da Colônia Cecília na imprensa anarquista de Portugal

As pesquisas realizadas indicam grande repercussão do experimento comunitário da Cecília, ainda que o tratamento seja diferenciado. Nas edições de 1891 do periódico italiano La Reivindicazione encontram-se artigos críticos a Rossi, em particular de Errico Malatesta (18 de Março de 1891), para quem Rossi, no Brasil repete tardiamente, quando o problema social reclama soluções urgentes e gerais, os experimentos de diletantes, à maneira dos precursores do socialismo na primeira metade do século XIX. Os revolucionários, diz Malatesta, estes sim, permanecem em seu posto de combate. Já em França, a repercussão é de outra natureza, como se pode observar da leitura de vários artigos nos periódicos La Revolte, Revue Liberaire, Les Temps Nouveaux, referidos por Jean Maitron em sua história do movimento anarquista francês. Na Argentina e Uruguai encontram-se artigos referentes à Colônia Cecília e, em Buenos Aires, deve-se ao anarquista catalão José Pratt a tradução, em 1896, de Un episodio d'amore nella colonia Cecília, além dos testemunhos de José Batlle y Ordoñez, um saintsimoniano em visita à Cecília. Nos países de língua alemã a obra de propaganda da Colônia é realizada por Alfred Sanftleben que a partir de 1894 publica textos de Rossi em vários periódicos de língua alemã (Socialist, de Berlim, Zukunft, de Viena, Freiheit, de Nova York) e em 1897 publica uma tradução integral de Cecília, Comunitá Anarchica Sperimentale, incluindo comentários de várias personalidades da época, e alguns contraditando o experimento.[\[15\]](#)

O jornal anarquista de Lisboa, A Revolta, dá a conhecer a seu público em 1893, as notícias que chegam diretamente do Brasil via imprensa anarquista de Barcelona e da Argentina, através dos jornais El Productor, La Revolte e El Perseguido.[\[16\]](#)

Assim observamos em várias edições do periódico as referências ao episódio da Colônia Cecília em notas que situam o leitor em relação à experiência libertária praticada no sul do Brasil, desde a localização, clima, disposição das casas e arranjos de equipamentos coletivos:

A 17 kilometros da pequena cidade de Palmeira, no Paraná, Brasil, e a 900 metros acima do nível do mar, está situada a colônia socialista-anarquista Cecília, numa superfície de 278 hectares, pouco mais ou menos. O clima é bom, nem demasiado frio, nem demasiado quente. A aldeia, que se compõe de 22 casas de madeira e de armazéns, cozinha, refeitório e currais a 200 metros d'aquellas, chama-se – Anarchia.

Falam do pioneirismo e do limite numérico de adesão, ao menos masculina, o que evidencia as dificuldades de provisão mínima de subsistência na Colônia.

É a primeira colônia anarquista que se fundou. Recebe muitos jornais anarquistas, mas solicita de todos os das línguas italiana, francesa, espanhola, inglesa e portuguesa, que lhe enviem exemplares de cada número. Presentemente só pode receber dois ou três sapateiros, sem família, um serralheiro e algumas mulheres livres de preconceitos. Os impacientes, porém, que não quiserem esperar que as circunstâncias permitam recebê-los, podem ir, e fundar perto de Cecília uma nova colônia anarquista, levando tudo que lhes pareça necessário.

Informam sobre o cultivo da terra, pequenos arranjos industriais, alimentação, habitação, educação das crianças, dificuldades materiais e culturais de adaptação, sacrifícios pessoais diante da natureza inóspita e das hostilidades do meio:

Além de cultivarem a terra, os nossos camaradas teem uma pequena indústria – sapataria, carpintaria e tanoaria, e tratam de instruir as crianças nos nossos justos princípios. A vida que levam é uma vida de sacrifícios, porque lhes faltam muitas coisas úteis, e bem difficilmente se habitua a isso os que estavam acostumados à vida fácil das cidades. A sua alimentação consiste em pão, batatas, arroz e legumes, e carne de porco, de tempos a tempos.

Ainda que as narrativas da experiência comunitária apresentem o quadro de dificuldades, estas não são dadas como incontornáveis e os anarquistas de Lisboa e do Porto, agrupados em torno do jornal A Revolta, e aceitando a apreciação de seus congêneres argentinos e espanhóis, destacam como exemplo anarquista praticado na Cecília, o modo de vida livre, o apoio mútuo no trabalho, a ausência de chefia ou de outra autoridade, a ausência de mecanismos de força, de regras, como se vê aqui :

Fundada em Abril de 1890 por 8 camaradas; reconstituída em Junho de 1891, esta colônia compõe-se atualmente de 66 pessoas, as quais vivem uma vida completamente livre, sem nenhuma lei, sem nenhum regulamento, numa palavra, sem nenhuma autoridade; trabalhando cada uma segundo as suas forças, guiada tão somente pelo desejo de ser útil.

Os relatos das dificuldades materiais, do meio e das gentes, transborda para as dificuldades nas relações interpessoais, tema onde o jornal é cuidadoso no trato, responsabilizando a presença feminina como supostamente portadora dos preconceitos da ordem burguesa:

Muitos membros da Colônia, as mulheres principalmente, não estão completamente emancipados dos preconceitos burgueses, e isto levanta pequenos desaguisados, sem contudo perturbar a harmonia, que é bem melhor do que em qualquer família da sociedade burguesa.

A afirmação pouco veraz do quadro de harmonia da Colônia e a certeza de futuro assegurado parece ser o justificado caminho para conquistar adesões entre os anarquistas de Portugal a quem os da Cecília

recorrem em busca de contribuições para o fomento da Colônia. Afinal tratava-se desde logo da prática deste lado dos valores do internacionalismo e da solidariedade diante de um empreendimento que ao longe fazia sua propaganda do ideal pela ação:

O futuro da colônia está assegurado, mas por agora ainda não podemos ajudar a propaganda, como era nosso desejo. Contamos fazê-lo mais para diante, se conseguirmos estabelecer aqui indústria produtiva, para o que decidimos, emitir entre os nossos camaradas ou grupos, ações de 5\$000 réis cada uma, reembolsável pouco a pouco, depois de três anos. E se previne que Puy Mayol não tem nada com a Colônia.

Os jornais *El Productor* e *El Perseguido* demonstram seu apoio à experiência de Rossi, sem no entanto deixar de advertir os leitores para os paradoxos ou as ambigüidades que advém de tal empresa, fazendo coro neste sentido às discussões em curso nos círculos anarquistas europeus acerca das contradições presentes desde sempre nas experiências comunitárias, inclusive a idéia de 'colônia' que alguns julgam imprópria, pela alusão e proximidade no tempo e no espaço com as colônias de exploração e de povoamento, matriz das políticas de governo na América Latina:

Uma tão diferente ordem de coisas, como é uma sociedade anarquista, não pode subsistir dentro do mundo velho, tirânico e explorador; tudo que é exequível depois da revolução social, é impossível hoje; enquanto um ensaio qualquer não adquire proporções, não é raro a tolerância social, máxime verificando-se o ensaio em territórios afastados e despovoados, mas assim que adquirir importância, a pata autoritária aniquila a empresa e apodera-se de tudo, com pretextos vários.

O jornal *La Revolte*, na mesma senda da crítica conceitual ao empreendimento, observa seus limites quanto à realização anarquista em seus fundamentos, o que não impede de efetivar apoio aos camaradas da Cecília, inclusive intermediando em Barcelona a coleta de fundos:

A falta de recursos de que esta se dá vê-se do apelo de fundos dirigido pelos colonos de Cecília aos seus irmãos da Europa – não tardará a lembrar aqueles que, sem esperança no futuro, vão procurar, longe da civilização, um solo livre onde realizem suas concepções duma sociedade melhor – que na sociedade atual, onde tudo se encadeia, é impossível a qualquer tentativa, por mais isolada que seja, subtrair-se completamente à sua funesta ação; a burguesia em toda a parte, detém o solo, os produtos e os meios de produção, e pesa, como todo o seu peso, sobre os que querem fugir-lhe. Toda tentativa anarquista não pode ser inteiramente anarquista, pelo fato de, ao seu lado, subsistir a organização burguesa que a domina.

Acrescenta ainda, transcrevendo um jornal francês, espécie de corolário à sua apreciação crítica: “O que é possível em grande, não é necessariamente em pequeno, ou reciprocamente. Foi o erro de Cabet, de Fourier, de Considérant, ter crido na experiência racional duma idéia, que exige para ser realizada, a refundição moral de toda a sociedade antiga”.

Por sua parte, o jornal *El Perseguido* avalia

que a Colônia terá de passar por muitas vicissitudes e de sofrer muitos desenganos, porque não produzindo todo o necessário, tem de comprar vários artigos ou de passar sem eles, e comprando-os, paga-los-á mais caros e está obrigada a sofrer, como nós, a exploração do homem pelo homem; e que é mister que o comunismo anárquico entre na posse de tudo, para que dê resultados satisfatórios.

Considerações finais

Las ideas que me tienen poseído no me dejan descansar... Debemos mirar hacia la esperanza y yo sólo la veo en una dirección: en el camino de la Revolución: todo lo demás no importa....

William Morris

O historiador inglês E. P. Thompson em suas inúmeras lições sobre a história desde abaixo, advertia ao vasto campo da história social para o fato de que quase sempre somente se recolhe o que triunfa, e no sentido daquelas aspirações que prefiguram desenvolvimentos posteriores. As causas perdidas, os caminhos mortos e os vencidos são olvidados. Thompson, em sua extrema sensibilidade, compõe uma história em busca dos vestígios da experiência olvidada do humilde tecelão, do artesão utopista e assevera que, embora se possa considerar que seus ideais humanitários fossem pura fantasia e suas conspirações revolucionárias infantis pretensões, nos alerta a todos para o fato inolvidável: eles viveram aqueles tempos de agudos câmbios sociais e suas aspirações ganham validade à luz de sua singular experiência. Aos que caíram vítimas da história, em vida condenados, não devem permanecer nesta condição. Outra vez o historiador alerta para o fato de que não deveríamos ter como único critério de juízo, no exame das ações dos homens do princípio da industrialização, as realidades posteriores, posto que em algumas das causas perdidas dos homens e mulheres do século XIX é possível desvendar uma profunda compreensão dos imensos males sociais que ainda estão por sanar.

Os comunitaristas owenianos (como outros) foram fecundos em idéias e experimentos prefiguradores de posteriores ensaios na educação das crianças, nas relações entre os sexos, na instrução em geral na moradia e na política social. Idéias que não estiveram circunscritas apenas aos limitados círculos intelectuais; são trabalhadores manuais de ofícios vários – tecelões, alfaiates, tanoeiros, canteiros que se mostraram dispostos a arriscar, ao menos por um tempo, seu meio de vida, para provar na

prática estas idéias, hauridas principalmente das prédicas nos acanhados salões das mutualistas e das leituras coletivas do "enxame" de periódicos que traziam o novo vocabulário da esperança e da justiça, gestando, o que terá sido a grande conquista espiritual do período de formação da classe operária: o internacionalismo como campo de ação e a autoconsciência coletiva.

O povo trabalhador não deveria ser contemplado apenas como uma imensa multidão de derrotados, posto que em seus experimentos alimentou, com imensa fortaleza de ânimo, a árvore da liberdade. (Thompson 1987)

A história das idéias socialistas no Brasil é bem mais longa e rica que o registro historiográfico feito sobre elas. Necessário, pois, reconstituir suas múltiplas experiências que vão das manifestações do socialismo romântico e das utopias por volta de 1840, quando Vauthier, Derrion e Mure contribuem para divulgar as idéias de Fourier e se começam a dar os primeiros passos para a criação da Colônia do Saí e Palmital, em São Francisco, Santa Catarina, e vão ganhando cada vez mais importância com a chegada de exilados da Comuna de Paris (1871) e dos anarquistas italianos que criaram a Colônia Cecília (1890), a que se juntaram, no final do século XIX, outros trabalhadores anarquistas espanhóis e portugueses.

O estudo e análise da ação destes imigrantes e dos brasileiros que a eles se reuniram, principalmente na primeira década do século XX, é condição de possibilidade para apreender a riqueza dos registros históricos firmados através de uma imprensa social combativa que, aliada a outros mecanismos de auto-educação, constrói no Brasil a via de um sindicalismo autônomo e de ação direta que marcaria as lutas sociais e a criação de uma cultura operária anti-capitalista no país.

A idéia de experimentar novas soluções societárias, que resultaram em muitas comunidades no Novo Mundo e que no Brasil originaram o projeto do Falanstério do Saí e do Palmital e da Colônia Cecília, prolongou-se ainda em outras experiências, menos documentadas, como a da Comunidade Futuro, no Avaí, que por volta de 1910, reuniu naturistas e utópicos austríacos e alemães, e a tentativa malograda do anarquista e esperantista francês Paul Berthelot de criar uma comunidade no interior do Brasil, junto aos índios de Goiás, onde morreu em 1910.

Ao testar novas formas de associação, produção e relacionamento humano esse socialismo experimental foi deixando claro que a reorganização da sociedade talvez fosse mais complexa e difícil que o otimismo de muitos no século XIX pretendia. Se em algum lugar inóspito longe do Estado e das poderosas instituições econômicas e sociais, os companheiros de utopia não conseguiam fazer vingar seu projeto de uma (pequena) nova sociedade, isso merecia uma análise cuidadosa. Poucos atentaram a este problema dentro do movimento socialista que começava a ganhar corpo.

Giovanni Rossi, com seu espírito curioso e metódico, dedicou uma atenção especial ao problema, já que para ele a Colônia Cecília era a concretização desse socialismo experimental que iria testar as idéias de reorganização social. Suas análises valem, em grande medida, para as diversas experiências comunitárias realizadas na época, mas que poderia aplicar-se às experiências feitas no nosso século.

Rossi reconhece que a raiz dos problemas que inviabilizaram as chamadas comunidades utópicas do século XIX não reside apenas nas formas de organização e produção e na relação entre essas experiências isoladas e a sociedade e a economia envolventes. Embora ele detalhe problemas como a falta de capital, recursos, experiência de trabalho, impossibilidade de definir pactos de cooperação etc, muitos dos insucessos poderiam ser atribuídos à condição humana ou, se quisermos usar outras palavras, aos condicionalismos psicológicos e culturais dos participantes dessas experiências.

Superar as tendências agressivas, egoístas, o poder, o ciúme, ou o espírito de concorrência, num grupo humano é bem mais complexo que a adoção de uma engenharia falansteriana ou de um ideal libertário. Foi o que mostraram, de forma clara, as comunidades fourieristas, comunistas e anarquistas, deixando como lição que os processos de reorganização da sociedade e a criação de uma nova economia social pressupõem mudanças radicais na cultura, nos comportamentos e nas mentalidades, que, possivelmente, exigem largos prazos que dificilmente são compatíveis com as necessidades urgentes do cotidiano produtivo e afetivo de um grupo humano.

De forma mais trágica, comprovou-o, no século XX, a macro-experiência do chamado "socialismo real", deixando claras as dificuldades de uma ampla e profunda reorganização social. Se os utopistas do século XIX resistiram aos seus fracassos e muitos aprenderam com eles, os fracassos do século XX, pela sua dimensão social e dramaticidade humana, resultaram na atual descrença generalizada na própria viabilidade de uma reorganização profunda da sociedade moderna e na perda do espírito utópico.

Após mais de 150 anos de tentativas de socialismo experimental, para usar o termo de Giovanni Rossi, impõe-se àqueles que, social, política e intelectualmente, estão insatisfeitos com a realidade do mundo, retomar a herança da utopia e esperança dos primeiros socialistas. Mas, acima de tudo, sua capacidade de experimentar, sempre reafirmando sem desânimo, após cada aparente fracasso, a idéia de que o homem e a sociedade podem ser diferentes. Radicalmente diferentes.

[Anexo I adelaide.anexoI.htm](#) – Comunidades da utopia social na América Latina do século XIX

[Anexo II](#) – Uma bibliografia para o estudo das comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil

Notas

[1] O texto ora publicado, corresponde, com alterações, ao da Comunicação apresentada no Colóquio “Ilhas da Utopia” (Lisboa: Livraria Ler Devagar, Outubro/2004). Este trabalho participa das investigações em curso no estágio pós-doutoral realizado em 2004/2005 no Instituto de História e Teoria das Idéias da Universidade de Coimbra, com o apoio da CAPES/MEC.

[2] Sobre o período em Pernambuco há uma vasta literatura. De Manoel Correia de Andrade destacam-se os estudos: A Guerra dos Cabanos (1965), As Sedições de 1831 em Pernambuco (1956), Os Estudantes de Olinda e a Setembrizada (1953), Movimentos Nativistas em Pernambuco (1971), entre outros.

[3] Jornal “O Carapuçeiro”, Recife, No. 45, Outubro de 1839.

[4] Diário de Pernambuco, 11/08/1830 (*apud* Veiga 1981: 85).

[5] A este respeito consulte-se Frieiro, 1946. Sobre bibliotecas e livreiros na região de Minas Gerais, ver Moraes, 1979.

[6] Veiga 1981, vol. II: 228. Dunnoyer, mais tarde, adota teses antidemocráticas absolutistas expressas em “De la Liberté du Travail” (1845).

[7] Veiga 1981, vol. II: 264. Ver também os trechos do editorial d’ *O Carapuçeiro* (n.º 40, 1839), “O Industrialismo” e o texto d’ *O Sete de Setembro* (n.º 17, 1845). Registre-se a divergência de apreciação do pensamento de Lopes da Gama, entre Gláucio Veiga e Amaro Quintas. Este “enxergaria antecipações marxistas” em Lopes da Gama, caracterizado como “um verdadeiro precursor da teoria das lutas de classes”, o que é liminarmente descartado em Veiga.

[8] Para uma visão acerca da produção de livros em França, a situação da imprensa, os problemas com a censura consultar o estudo de Charle, 2000; em particular sua Primeira Parte “El ‘Tiempo de los Profetas’, 1815-1860”, assim como o ítem “La Comunidad de los intelectuales europeos: Exilio, viajes, intercambio”.

[9] “Adeus ao Sr. Vauthier”, Revista *O Progresso*, Recife, 19/11/1846.

[10] Para um maior conhecimento da biografia de Michel Derrion, consultar Gaumont 1924 e 1935.

[11] Para maiores informações sobre este período da vida de Jules Mure, consultar o texto biográfico de Sophie Liet, publicado em apêndice ao livro póstumo *Le Médecin du peuple*. Paris: J. B. Baillière, 1883.

[12] A primeira edição é de 1878 (Milão: Bignami), a segunda de 1881 (Livorno), a terceira traz um prefácio de Andrea Costa em 1884 (Brescia: Tipografia Sociale Operaia) e a quarta de 1891 (Livorno: Favilinni).

[13] Nettlau refere-se ao estudo de Horowitz 1975: vol.1, 15-16).